

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e  
Secretaria Municipal de Cultura apresentam

artigos

# Afinal, coro infanto-juvenil, coro juvenil ou coro jovem?

Patricia Costa



observatório coral carioca

Produção



Patrocínio



## Afinal, coro infanto-juvenil, coro juvenil ou coro jovem?

Patricia Costa

- Deixe eu me apresentar. Sou Patricia Costa, regente, apaixonada por coro juvenil.

- Oi? Coro juvenil? Ah, eu também adoro *crianças* cantando...

Começo este texto com o exemplo corriqueiro do diálogo que se estabelece quando tento explicar minha profissão e sua clientela. Ao ouvir o termo *coro juvenil*, não apenas leigos, mas também alguns colegas, se atrapalham e pensam tratar-se de coro de crianças.

De um lado, há os que classificam crianças e adolescentes numa mesma faixa, os “não adultos”, ignorando as sutis (e, por vezes, gritantes) diferenças do indivíduo nestas etapas do seu desenvolvimento. De outro, há subdivisões dos corais relativos ao adolescente, que tanto podem ajudar como nos confundir mais ainda. Escrevo na esperança de organizar as minhas próprias constatações, depois de tantos anos lidando com esta faixa etária.

Para mim, adolescentes não são nem crianças compridas, nem adultos feitos às pressas. Vivem o período pelo qual todos os adultos passam, mas que a maioria parece ter esquecido.

O ser humano atravessa diferentes etapas do desenvolvimento; por exemplo, um bebê de oito meses terá respostas diversas das de uma criança de dois anos que, por sua vez, terá reações incompatíveis com as de uma criança de nove anos, etc. Ou seja, percebemos as diferentes etapas dentro da infância e, claramente, nos ajustamos ao lidar com cada período. Simples como um *videogame* onde, a cada conquista, novos desafios são lançados dentro de uma mesma fase.

Mas eis que, em um dado momento, surge uma etapa completamente nova e os controles de nosso *videogame* – até então seguros em nossas mãos – deixam de obedecer aos comandos considerados eficazes até aqui; pulamos para um patamar com maior grau de dificuldade, em nada semelhante ao percurso que conhecíamos até então (infância). O “mandacaru fulora na seca e, sim, é o sinal que a chuva chega no sertão!” É a eclosão da adolescência, tão evidente e também tão singular. Uma radical mudança se instaura aos poucos (ou, às vezes, subitamente), vinda de processos físicos e emocionais, dependendo de cada um. Tal subjetividade nos desorienta.

É relativamente fácil distinguir uma criança de um adulto, mas é difícil definir o adolescente; até a delimitação de faixa etária dessa etapa pode variar de uma cultura para outra. Como resultado, o regente de coro juvenil pode se flagrar tendo uma atitude inapropriada ao lidar com seu grupo. Vou dar aqui três exemplos de situações vividas por mim.

#### Situação 1 - Quando eu os confundi com crianças

No meu primeiríssimo ensaio de coro juvenil, no *Colégio São Vicente de Paulo (Cosme Velho)*, em abril de 1993, pedi aos participantes que escrevessem, em uma folha de papel, suas informações: nome, série, número de telefone e... nome dos pais!!! Eles me olharam tão ofendidos! Levei um tempo para perceber que estava tratando aqueles adolescentes de Ensino Médio como crianças. Agora entendo que corri o sério risco deles nunca voltarem para o ensaio seguinte; o que, provavelmente, encerraria minha carreira como regente de coro juvenil e, conseqüentemente, este texto não existiria!

#### Situação 2 - Quando o outro os confundiu com crianças

Dirijo um coro chamado *Coro Juvenil São Vicente a Cappella*, reunindo cantores entre 12 e 22 anos. Em 2006, fomos gravar o primeiro capítulo de uma novela que se passava no Rio de Janeiro e enfatizava esta relação de amor à cidade. Logo na abertura, nosso coro estaria cantando aos pés da icônica estátua do Cristo Redentor, no Corcovado. No decorrer da trama haveria um centro cultural em que diversas artes estariam acontecendo. Logo vislumbrei a possibilidade de tirar o coro juvenil da invisibilidade, quem sabe? Até então só meu coro infantil tinha sido requisitado para empreitadas de exposição na mídia, como esta. Naturalmente tivemos que aceitar a estética das batas uniformizadoras dos coros de tradição europeia; mas a causa era nobre e o cachê compensava o sacrifício. Afinal, era o coro juvenil ganhando visibilidade. No dia seguinte à gravação, o diretor musical contou, animadamente, que o autor estava muito satisfeito porque era exatamente o que ele queria: “as crianças homenageando o Rio de Janeiro...”!

Em tempo: nosso coral jamais foi convidado para fazer parte das atividades daquele centro cultural fictício da trama. Em contrapartida, as aulas de balé clássico de um dos colégios onde eu lecionava ganharam uma enxurrada de adeptos, atraídos pela atividade da personagem adolescente daquela novela.

#### Situação 3 - Quando eu os confundi com adultos

Em 2013, levamos o mesmo *São Vicente a Cappella* para o festival *Cantapueblo* em Mendoza (Argentina). Quando se trabalha com faixa etária tão ampla, às vezes é difícil estabelecer regras de conduta, porque o que pode servir para uns pode ser completamente inadequado para outros.

Por exemplo, bebida alcoólica pode ser uma questão em um projeto como este. Se eu deixasse os maiores de idade beberem após os concertos, eu passaria a viagem inteira preocupada se os menores estariam aproveitando a chance de estar fora de casa para consumir bebida alcoólica o que, além de ilegal, naturalmente nos traria uma série de problemas. Em outras palavras, tive que ser rígida com todos, em prol de minha sanidade! Ficou definido (ou podemos dizer que eu “impus”) que ninguém – maior ou menor de idade – consumiria álcool durante toda a viagem.

Eu tinha um argumento para convencer os contrariados mais velhos do grupo:

“Isto não é uma viagem de lazer. É parte de um projeto pedagógico e temos a responsabilidade de representar nossa escola e o coro juvenil de nosso país. Além disso, se álcool for determinante para você se divertir, algo deve estar muito errado e você deve buscar ajuda!”.

Portanto, os excelentes e famosos vinhos de Mendoza estavam fora de questão para todos, incluindo meus assistentes e eu. Apesar dos mais velhos terem se sentido, a princípio, tratados como crianças, tivemos dias incríveis; nossos concertos foram excelentes, fomos muito prestigiados e nos divertimos à beça.

Após o encerramento do Festival, tivemos o Jantar de Gala, um evento para os corais internacionais. Éramos o único coro juvenil, no meio dos corais adultos homenageados. Havia cerca de 10 longas mesas no salão, com 40 lugares em cada, todas com muitos vinhos, champanhes, tequilas e outras bebidas alcoólicas à disposição. Para evitar desgastes desnecessários, gentilmente pedi que os garçons retirassem as bebidas das mesas.

Após o jantar, virou festa de despedida. Naquele momento olhei para meus cantores e me tomei de imensa ternura e gratidão, lembrando que eles passaram a viagem toda extremamente cordatos, nunca reclamando de regra alguma, parceiros mesmo. Tenho certeza de que eles reconheciam meu esforço em protegê-los de qualquer situação inconveniente, além de evitar a frustração de viajar para tão longe e não cantar bem. O clima era de total harmonia.

Tínhamos apenas 40 minutos mais. Conversei com meus assistentes e concordamos que já iríamos partir para o hotel, arrumar as malas e viajar de volta ao Brasil ainda de madrugada. Portanto, aquela seria a última chance para que os mais velhos experimentassem os famosos vinhos mendocinos. E foi aí que pensei: o que poderia acontecer em 40 minutos? Afinal, se comportaram como adultos!

Bem, aproveitei então aquela oportunidade para agradecer a colaboração de todos e comunicar que, uma vez que estava encerrada nossa participação no Festival, os mais velhos estavam liberados para bebidas alcoólicas. Claro que os cantores entre 16, 17 anos não ficaram nada satisfeitos. Mas, bastaram menos de 20 minutos para estes se divertirem também, meio perplexos, porque... os mais velhos já estavam totalmente bêbados!! Parece que, para aproveitar a liberação inesperada, eles beberam tudo o que podiam naquele curto espaço de tempo!

Entendi que aquela foi uma reação tipicamente... juvenil!

Estas três situações são exemplo do campo obscuro que envolve a lida do regente com esta faixa etária.

Muitos colegas trabalham com corais que misturam crianças, adolescentes e/ou jovens adultos. Por isso mesmo, acredito que tenham surgido classificações que subdividem estes agrupamentos. Diferencio três configurações corais de acordo com as fases a que pertencem os cantores e que vão determinar repertório, dinâmica de ensaio, cota de paciência e atitude do regente. São elas: coro infanto-juvenil, coro juvenil e coro jovem. Mas ainda percebo muitas dúvidas sobre como arrumar esta gaveta do amplo armário coral e é justamente este exercício de arrumação que venho propondo ultimamente.

Há anos questiono o termo *coro infanto-juvenil*, bastante adotado no Brasil, por competentes e estimados colegas. Consciente da necessidade de uma abordagem específica para lidar com o coro de adolescentes, esta expressão híbrida sempre encontrou em mim um muxoxo, uma sobrelha levantada, um desânimo... Entendo como uma tentativa do regente de não perder, com o passar do tempo, os cantores mais velhos de seu estável coro infantil.

Muitas vezes, o regente não dispõe de outro horário para lidar com um novo grupo, ou mesmo não se sente à vontade para trabalhar, separadamente, com aqueles seres que vão ficando questionadores e, por vezes, impertinentes mesmo. Portanto, se não é possível mudar a situação, muda-se o nome do coro e o entrave parece resolvido.

No entanto, defendo que a cisão em dois grupos, um de crianças e outro de adolescentes poderia, justamente, aumentar o número de interessados em aderir ao canto coletivo e, também, atrair os adolescentes que já cantam no grupo a se manterem na atividade, com enfoque mais apropriado para suas questões. Uma vez que boa parte dos adolescentes busca definir claramente que não é mais criança, como se sentir motivado a participar de um coral em que seus pares estão misturados com o filho mais novo da vizinha?

É claro que há indivíduos que tomam gosto pelo canto coral e vão cantar qualquer repertório, ao lado de qualquer idade. Mas estes já estarão “mordidos pelo bichinho do coral”. Me preocupam os outros tantos jovens e adolescentes que nem sonham saber a diversão, o prazer, a emoção de cantar com seus iguais. É para estes que vai a minha atenção e motivação, para continuar aprendendo ou descobrindo estratégias que desenhem o caminho até a nossa sala de ensaio.

Enquanto não abrirmos espaço para o coro juvenil, especificamente, o que veremos será o adolescente ficar no coro *infanto-juvenil*, até chegar no seu limite de convívio com uma faixa etária da qual ele quer se diferenciar. E, se quiser continuar cantando em coro, automaticamente pulará para o coral adulto (de cujo repertório talvez ele ainda não dê conta, tanto pelas limitações vocais quanto pela temática) ou poderá se desestimular de vez da atividade coral. Triste, não?

Agora vamos para a outra extremidade de nossa faixa etária. Recentemente fui convidada para trabalhar num festival, como especialista em coro juvenil. Ao receber a divulgação do evento, li a seguinte chamada: “Festival de coros infantis e *juvenis*...”. E por que não “coros infantis e *juvenis*”? O que fez os organizadores do evento simplesmente evitarem o termo *coro juvenil*? Talvez a questão seja exatamente como definir e, portanto, diferenciar e nomear os corais que lidam com esta ponte entre o mundo infantil e o adulto. Imediatamente passei a pensar sobre como conceituar esta configuração coral.

Quando ainda nem conseguimos ter clareza sobre os limites entre coro infantil e juvenil, já aparece esta nova classificação – *coro jovem* – para confundir ainda mais. Ou seria justamente para nos esclarecer, em virginiana e salvadora subdivisão de etapas, que pode apontar caminhos para trabalharmos com diferentes demandas?

Ato reflexo, iniciei a classificação desses corais pensando na faixa etária que delimita a adolescência, claro! As pesquisas, mesmo com alguma variação, dizem ser o período dos 10 aos 20 anos (dos 10 aos 12, a pré-adolescência ou puberdade). Pronto! Antes dos 10 é infância, depois dos

20 inicia-se a fase adulta e nossas dúvidas terminariam aqui. Mas, como lidar com uma menina de nove anos que já demonstra evidentes traços de sexualização? Criança precoce? E aquele sujeito de 34 anos, de atitudes e pensamentos imaturos, que não consegue sair da casa dos pais e ter um papel de produtividade na sociedade? Seria um adolescente de 34? Ih... será melhor deixar essa arrumação para amanhã?

Pois, então, busquei outro parâmetro que pudesse trazer alguma motivação para iniciar esta organização. Optei por utilizar, primeiramente, o critério de escolaridade dos participantes, o que acarreta a série de considerações que vou descrever a seguir. Estas demarcações, naturalmente, também não são definitivas e muito menos estanques, até porque nem todos os indivíduos passam pela mesma série escolar na mesma idade. Mas pode ser um caminho.

**Tabela 1: Nível de escolaridade**

<b>Denominação coral</b>	<b>Coro infanto-juvenil</b>	<b>Coro juvenil</b>	<b>Coro jovem</b>
<b>Características</b>			
Nível de escolaridade Série	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário do 1º ao 8º período

A relação *idade - escolaridade* pode variar bastante, de uma região para outra, de uma cultura para outra. Sofre ainda evidente influência de questões sociais e econômicas. Mas há uma média aproximada e é nela que estou me fiando.

Eis aqui a primeira tentativa de arrumação de minhas gavetas. Embora possa haver alguma divergência de nomenclatura, creio que estarei me fazendo entender ao designar o Ensino Fundamental II como o período que compreende do 6º ao 9º ano, correto?

**Tabela 2: Faixa etária**

Denominação coral	Coro infanto-juvenil	Coro juvenil	Coro jovem
<b>D</b> <b>Características</b>			
Nível de escolaridade Série	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
Faixa etária	<b>de 10 a 14 anos</b>	<b>de 14 a 18 anos</b>	<b>de 18 a 22 anos</b>

Da escolaridade derivou-se, então, a proposta de arrumação das gavetas por faixa etária, correspondente a estes três grupos, neutralizando as possíveis especulações quanto à relação idade-maturidade, mencionadas anteriormente quando tentei definir adolescência.

Naturalmente, utilizei margem de segurança também para assinalar as idades limites de cada etapa para contemplar, tanto os(as) alunos(as) adiantados(as), quanto os(as) que, porventura, tenham se atrasado no processo médio de desenvolvimento de escolaridade.

Ressalto que, ao assumir os 10 anos como limite mínimo, estou buscando me nortear por aqueles parâmetros que definem o início da adolescência, embora considerada pré-adolescência, quando encontramos cantores que ainda não atingiram a etapa da muda vocal (marca das mais explícitas desse período de transição). Em contrapartida, essa proposta avança até os 22 anos, uma vez que o término do período universitário dificilmente se dá aos 20 anos, idade limite que indica o término da adolescência.

O curioso é que, mesmo não levando em conta outras características, posso dizer que o coro juvenil dedicado a alunos e alunas do Ensino Médio é, de fato, o grupo que conta tão somente com adolescentes, isto é, não há como imaginar crianças (abaixo de 12 anos) ou adultos (acima de 20 anos) na média dessa fatia, no quadro que estou propondo. Isto já pode ser um indício de alguma clareza para todos nós, não? Mas vamos elaborar um pouco mais a organização decorrente desse raciocínio.

Uma vez esclarecida a divisão por faixa etária, o próximo passo da minha cabeça questionadora é entender como seria o som, o timbre e as vozes desses agrupamentos. Para isto, abro a gaveta de possibilidades de divisões por naipes de cada uma dessas configurações.

**Tabela 3: Características vocais**

<b>Denominação coral</b>	<b>Coro infanto-juvenil</b>	<b>Coro juvenil</b>	<b>Coro jovem</b>
<b>Características</b>			
Nível de escolaridade Série	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
Faixa etária	<b>de 10 a 14 anos</b>	<b>de 14 a 18 anos</b>	<b>de 18 a 22 anos</b>
Características vocais	<b>Vozes iguais</b>	<b>SCBr*</b>	<b>SCTB**</b>

\*soprano - contralto - barítono

\*\* soprano - contralto - tenor e baixo (ou barítono)

Analisando as características vocais dos grupos, percebo que o coro infanto-juvenil se remete, predominantemente, ao timbre e âmbito das vozes infantis, podendo adotar repertório para vozes iguais, mesmo que alguns cantores estejam passando pela muda vocal. Isto se dá, sobretudo, porque pode haver nesse grupo poucos indivíduos já apresentando muda vocal processada. A maioria deve apresentar produção vocal satisfatória no âmbito das vozes infantis, talvez com uma ou outra soproside (meninas) e instabilidade ou “quebra” (meninos).

Ademais, estudos indicam que é possível, por exemplo, um rapaz de 15 anos continuar cantando como soprano ou contralto no coro - desde que devidamente orientado e se sentindo confortável - sem maiores prejuízos para sua nova “voz de adolescente” (tenor ou barítono), podendo ainda, concomitantemente, utilizar a voz recém-adquirida em outro grupo vocal, como o coral de sua igreja ou como vocalista de sua banda de *rock*, por exemplo. Esse enfoque tem sido defendido pelo renomado maestro Henry Leck, com quem tive a oportunidade de me aprimorar no Brasil desde 1986 e, posteriormente, em Indianápolis (EUA) entre 2015 e 2016. A minha prática confirma os benefícios dessa proposta.

Pode ocorrer, no coro infanto-juvenil, de iniciarmos o ano letivo com um grupo de vozes iguais e, ao nos encaminharmos para o fim do ano, encerrarmos as atividades com um coro que precise separar as vozes femininas das vozes masculinas (coro misto), dependendo do número de meninos que já não se sintam confortáveis cantando na região de cabeça. Justamente porque a muda

vocal não se desenvolve de forma linear, alguns passam pelo processo de forma gradual ao longo de alguns meses, tendo a chance de irem se acostumando com a nova aquisição vocal; outros, porém, podem sair de recesso escolar no meio do ano com voz de criança e recomeçar o semestre com uma espécie de *Darth Vader* que lhes aparece de tempos em tempos! Há ainda aqueles que sofrem do que apelidei de “momento *Hey, Fred*”, em uma alusão à peculiar voz oscilante do dublador do personagem *Barney Rubble*, do desenho animado *Os Flintstones*. Ao se deparar com tantas variáveis no naipe masculino, o regente pode achar mais prático inaugurar um naipe com âmbito mais comprimido (às vezes não passando de uma terça... menor!), explorando apenas a tessitura mais grave e confortável para os *cambiattas*.

Ocorre que esse desconforto pode ser mais psicológico do que fisiológico. Vivemos numa sociedade em que, muitas vezes, a precocidade é associada à capacidade, à genialidade, à notoriedade. Além disso, pré-adolescentes já estão loucos para “mudar de fase”, como no *videogame*; enfatizam qualquer pequeno sinal de despedida da infância como um troféu do “campeonato do desenvolvimento humano”. A mudança de voz é um dos maiores marcos dessa fase, a prova incontestada de crescimento e de entrada na adolescência; portanto, convenhamos que fica um pouco difícil convencer o adolescente a abrir mão dessa conquista, mesmo dando a ele garantias de que sua voz aguda possa estar totalmente preservada dos sobressaltos da quebra, se entoada na região que estava acostumado a cantar anteriormente.

Ao longo dos anos, pude perceber que esta atitude de rejeição à voz da infância se dilui à medida que os cantores adquirem consciência de que a muda vocal, por si só, não precisa ser mudança compulsória de naipe, isto é, que não precisam pular para tenor ou barítono aos primeiros sinais de mudança. Os que descobrem a satisfação de cantar em coro e se sentem confortáveis entoando ainda na voz de cabeça (correspondente à voz infantil), podem até achar mais “seguro” se manterem nos napes agudos por mais algum tempo depois que a muda vocal se estabelece. Afinal, estão acostumados a controlar a voz naquela região, ao passo que ainda não dominam as instabilidades do aparelho fonador quando tentam emitir sons na região nova. Para eles, a produção vocal e o prazer de cantar são maiores do que a necessidade de demonstrarem — via canto — que caminham para o mundo do adulto.

Por vezes, para um cantor passando pela muda vocal, há também a ameaça de serem caçados por seus colegas (sobretudo não-cantores), por estarem nos napes femininos e, logicamente, misturados às meninas. Felizmente, à medida que as questões de gênero avançam nas

discussões de nossa sociedade, esse mal-estar vai se amenizando e o *cambiatta* vai se sentindo mais à vontade para cantar no naipe que lhe for confortável.

Ao mesmo tempo, vejo que essa questão não parece ter muita relevância para os cantores com maior desenvolvimento musical/vocal, comparada ao desafio daquela música nova, da afinação daquela dissonância ou da execução daquela proposta rítmica sofisticada. Ou seja, observo que, de novo, as questões extra-musicais se sobressaem na proporção inversa do desenvolvimento do cantor. Por exemplo, para um coro iniciante com meninos na muda vocal, o “constrangimento” de cantar como soprano aos 13 anos pode ter mais importância do que a sensação de continuar apto a entoar belos agudos enquanto descobre novos sons graves; ao passo que, ao ampliar sua percepção musical, o adolescente tenderá a focar na produção do coro e no bem-estar promovido pela atividade.

Há ainda a situação das meninas entre 10 e 14 anos. Embora a muda vocal feminina ocorra de forma mais sutil, a soproidade dessa fase pode abalar a menina que outrora cantasse com voz límpida. Lembro de uma aluna que, ao entrar na adolescência, passou a fantasiar algum problema grave nas pregas vocais (sua imaginação fértil foi desde fenda até um câncer de laringe!), tamanho o medo produzido pela frustração de não conseguir emitir agudos como os que fazia facilmente na infância.

Não obstante, o regente de coro juvenil deve estar preparado para lidar também com “os mulherões”, meninas que adquirem um timbre mais grave ao se despedirem da infância e se orgulham muito disto. Em nossa cultura, a voz grave feminina está, comumente, associada ao poder, à sensualidade, à determinação. Aquelas que, inconscientemente, têm mais necessidade de se diferenciarem do arquétipo de fragilidade ainda hoje aludido ao feminino, podem exagerar na tessitura grave, tanto no canto quanto na voz falada, podendo chegar a apresentar problemas no aparelho fonador por conta dessa distorção ou exagero. Não percebem que timbre e extensão são coisas diferentes e entendem que a voz grave deve ser usada num âmbito bem menor do que, por exemplo, o natural de uma voz de contralto adulta. São meninas que passam a rejeitar qualquer entoação médio-aguda e que expandem demasiadamente a região de voz de peito como que para compensar o “peso de isopor” de seus ainda não desenvolvidos harmônicos graves, o que pode acarretar em dificuldade nas mudanças de chave da voz de peito para a voz de cabeça e limitação no canto.

Observo porém que, uma vez passada essa fase, muitas dessas adolescentes compreendem que podem (e devem) explorar registros mais agudos e buscar a beleza do timbre dos

contraltos na região média, mesmo que percebam maior facilidade na região de fronteira com o tenor. A condensação do âmbito dá lugar à expansão desse, trazendo junto com esse processo a serenidade de quem já não tem tantas dúvidas quanto à sua personalidade vocal.

Portanto, como exposto até aqui, considero o coro infanto-juvenil como o período de maior instabilidade vocal. Os (as) participantes se vêm desestabilizados (as) pelas mudanças da faixa etária e o/a regente se vê com constantes desafios, além dos que a atividade oferece de antemão.

Já num coro de predominância de adolescentes pós-muda vocal, constituído de indivíduos do Ensino Médio (segundo a arrumação em que estou me aventurando) encontraremos naipes masculinos e femininos já separados, pois os adolescentes estarão – em sua maioria – não mais em franca mudança de voz. Naturalmente, há os casos de mudança tardia, mas estou me referindo à média encontradas nos corais dessa faixa etária. Divididos entre vozes agudas e graves, a realidade mais frequente no Brasil é de coros com maior quantidade de vozes femininas e menor de vozes masculinas, o que acarreta em soluções salvadoras, como o formato SCBr (soprano, contralto e barítono).

Alguns jovens cantores podem até atingir notas bastante graves em sua muda recente; no entanto, o alcance de tais notas não justifica a sua utilização, visto que é uma emissão mais leve e que pouco ou nada contribuirá para o todo. Além disso, à medida que a voz amadurece, muitos se surpreendem ao perderem a sensação de “navio” e, ao mesmo tempo, se descobrirem capazes de emitir notas mais agudas com qualidade, segurança e conforto. Ressalto aqui a observação do saudoso Marcos Leite, que defendia que o cantor médio brasileiro (adulto), sobretudo no repertório de música popular, soaria melhor na região de barítono do que na de baixo. De fato, seus últimos arranjos a quatro vozes foram escritos para soprano, contralto, tenor e barítono.

O recurso de delimitar o naipe masculino na região central se dá também pela própria característica vocal de seus participantes, pois os rapazes costumam ficar inseguros no processo de muda vocal. Nessa fase, os extremos do âmbito da voz se encontram em desenvolvimento e uma delimitação mais estreita pode ajudar o novo cantor a obter melhor produção vocal utilizando uma tessitura mais comprimida onde, por exemplo, tenores e baixos cantarão melodias que transitem entre ré<sup>2</sup> e dó<sup>3</sup>, antes de buscarem o aprimoramento dos extremos. Já fui capaz de escrever um arranjo para meu coro juvenil iniciante em que o naipe masculino entoava entre mi<sup>2</sup> e si<sup>2</sup>, com o evidente (e comovente) prazer de chegarem, enfim, a cantar um uníssono afinado!

Além disso, “a união faz a força” e, em maior número, é comum vê-los mais corajosos para ousar experimentar suas “novas vozes” numa região até então desconhecida. É claro que, com a evolução do trabalho, a necessidade de tenores explorarem a região aguda e de barítonos se firmarem na região grave indicará uma divisão das vozes masculinas. Porém, minha prática diz que, se temos poucos rapazes cantando num coro, é melhor vê-los juntos em um naipe único (cantando num âmbito mediano, confortável para todos) do que dividi-los em dois naites ineficazes, gerando sofrimento e medo, atrapalhando quem está conseguindo afinar e vulnerabilizando todo mundo em prol de algum pífio resultado final. Pensando no princípio do prazer de cantar, a desafinação e a insegurança generalizada estão totalmente fora de questão...

Por volta dos 18 anos, quando o processo de muda vocal - em geral - já se estabilizou, os cantores e cantoras começam a apresentar timbres mais definidos, muito embora as vozes juvenis/jovens ainda levem algum tempo até se sedimentarem como vozes maduras, lá por volta dos 25 anos. Ou seja, é aquela fase em que digo que o cantor está baixo ou a cantora está soprano. Nada simplesmente é! Porém, já é possível trabalhar com segurança com os quatro naites (SCTB) e suas subdivisões (mezzo-soprano e barítono).

Arrumamos, então, mais uma gaveta de nosso armário coral, no que tange a divisão das vozes. Mas há outros fatores que precisam ser levados em conta, ao se trabalhar o som do grupo. Por exemplo, a preparação vocal para o coro jovem deve ser similar à técnica para coro adulto, ou eles deveriam apenas desenvolver o que adquiriram na voz da infância? Isto é uma pergunta que o regente coral terá que responder primeiramente, para poder tomar decisões quanto ao repertório, configuração e/ou planejamento de seu grupo.

Sempre me causa certa agonia quando ouço crianças cantando como adultos. Admiro a beleza da voz infantil, com sua leveza e clareza. Imagino anjos, ainda que a criança esteja cantando um *rock'n'roll* na região grave. A inocência parece transcender na voz natural de um petiz, mesmo quando o estilo pertence ao mundo dos crescidos. Da mesma forma, sempre defenderei que coro juvenil deve soar como coro juvenil! Vozes jovens são diferentes de vozes adultas, seja pelo timbre ou pelo volume. E ver um adolescente imitando um adulto ao cantar é, a meu ver, uma inadequação.

As meninas podem apresentar na adolescência um timbre naturalmente infantilizado, sobretudo quando cantam na região mais aguda. Isto pode, inclusive, fazer com que sopranos insistam em cantar no naipe de contraltos, mesmo sem competência para usar aquela tessitura. Me remetem a uma gravação de João Gilberto entoando *Wave*: “Vou te con(taaar)...”, quando o *tar* soou

apenas como um sopro, encorajado e precedido pelo fonema “t”, revelando um “aaaaa” quente como um bafo, que mal conseguiu explicitar o “r” final da palavra, pois todo o ar escapava naquela tentativa de trabalho das pregas vocais numa região abissal para aquela voz. Cabe ao preparador vocal fazer, por exemplo, as sopranos descobrirem a beleza desse novo timbre, uma voz mais encorpada que, no entanto, ainda deve soar como voz de adolescente.

Logicamente, o repertório proposto demandará um ajuste dessas vozes jovens aos estilos e efeitos desejados. Mas, antes de falar de repertório, quero mencionar outra questão fisiológica que pode revelar muito sobre o coro, além de sua sonoridade: as principais características físicas dos participantes.

**Tabela 4: Características físicas dos participantes**

<b>Denominação coral</b>	<b>Coro infanto-juvenil</b>	<b>Coro juvenil</b>	<b>Coro jovem</b>
<b>Características</b>			
Nível de escolaridade	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
Faixa etária	<b>de 10 a 14 anos</b>	<b>de 14 a 18 anos</b>	<b>de 18 a 22 anos</b>
Características vocais	<b>Vozes iguais</b>	<b>SCBr</b>	<b>SCTB</b>
Características corporais	<b>Início do desenvolvimento dos caracteres sexuais</b>	<b>Franco desenvolvimento dos caracteres sexuais</b>	<b>Caracteres sexuais definidos</b>

Por volta dos 10, 11 anos, o desenvolvimento físico começa a dar sinais de mudanças, muito embora a maioria dos indivíduos ainda guarde características de um corpo da infância. Entre 12 e 14 anos, aproximadamente, acontece o famoso *estirão*, quando alguns alunos parecem crescer de um ensaio para o outro. De forma singular e irregular, esse crescimento repentino faz com que dois cantores de 13 anos possam ter diferenças gritantes entre si, de altura, de tamanho, de desenvolvimento. Algumas meninas de 12 podem aparentar (tanto pelo corpo quanto pela atitude) serem moças de 16 anos e, ainda assim, lidarem muito bem com seus colegas franzinos e que, imberbes, ainda trazem aspectos corporais infantis. Portanto, no coro infanto-juvenil, a percepção

que podemos ter é de crianças misturadas a alguns adolescentes, numa desarmonia interessante, uma certa bagunça visual.

Como relatei em outro texto, essas discrepâncias podem acarretar situações inusitadas. Lembro de uma menina de 11 anos, com corpo de 15, que cantava em nosso coro infanto-juvenil. Tive que exercitar muito da minha paciência com ela, pois o pensamento que frequentemente me acometia era o “ela só tem tamanho”, mas com aquela irritação de quem esperava outro comportamento. Quando numa reunião de coordenação me dei conta da idade real daquela coralista, revi minha atitude (e de toda a equipe), pois percebi que estávamos todos cobrando dela, inconscientemente, a postura condizente com a de uma moça de 15; ou seja, estávamos todos influenciados pela aparência da pobrezinha. De fato, ela parecia um São Bernardo numa matilha de *poodles*...

Já no coro juvenil, constituído por alunos e alunas de Ensino Médio, dificilmente reconheceremos alguma criança entre os cantores (a não ser aqueles que, por algum motivo, ainda coloquem crianças e adolescentes num mesmo grupo). A maioria dos participantes já terá consolidada a despedida do corpo infantil, apresentando os caracteres sexuais de forma clara (busto, quadril, pêlos, barba e, obviamente, espinhas!). Ainda assim, essa percepção visual nem sempre é muito nítida. Recentemente um dos vídeos de meu coro de Ensino Médio foi bastante comentado na *internet*, devido ao seu compartilhamento nas redes sociais por duas estrelas da música brasileira. Ao ler os comentários de desconhecidos decorrentes desse vídeo, me deparei com a constante menção à singeleza *das crianças* que estavam cantando. Talvez a própria qualidade das imagens (nitidamente captadas do celular de alguma mãe de cantor/a) possa ter influenciado na avaliação das pessoas que comentaram o tal vídeo. No entanto, com exceção de uma aluna extremamente pequena (não à toa conhecida como *Fernandinha*) não consegui ver em nenhum dos participantes um corpo ou uma atitude infantil durante a apresentação da música. Naturalmente, posso ter sido influenciada pelo envolvimento e intimidade com o grupo, não é?

No coro jovem, que nesta minha organização acolhe coralistas entre 18 e 22 anos, poderemos, por vezes, encontrar adolescentes com feições e desenvolvimento corporal de um adulto. Já tive, por exemplo, uma cantora de 19 anos que mais parecia estar chegando aos 30. Eu, de início, ficava me perguntando se aquela recém-chegada era uma universitária estagiando comigo ou uma profissional qualquer infiltrada no nosso coro. De todo modo, nessa fase, as diferenças começam a se amenizar.

E vamos às gavetas, após incluir as características corporais.

**Tabela 5: Principais aspectos do desenvolvimento emocional**

<b>Denominação coral</b>	<b>Coro infanto-juvenil</b>	<b>Coro juvenil</b>	<b>Coro jovem</b>
<b>Características</b>			
Nível de escolaridade	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
Faixa etária	<b>de 10 a 14 anos</b>	<b>de 14 a 18 anos</b>	<b>de 18 a 22 anos</b>
Características vocais	<b>Vozes iguais</b>	<b>SCBr</b>	<b>SCTB</b>
Características corporais	<b>Início do desenvolvimento dos caracteres sexuais</b>	<b>Franco desenvolvimento dos caracteres sexuais; descoberta do corpo</b>	<b>Caracteres sexuais definidos</b>
<b>Principais aspectos do desenvolvimento emocional</b>	Ainda dependentes e inseguros. Tendem à dispersão. Ludicidade, curiosidade e acolhimento. Começam a viver os lutos da adolescência (o corpo, os pais da infância, o papel na sociedade).	Podem apresentar labilidade emocional, oscilando entre atitudes infantis e maduras. Estão mais concentrados. Pensamento crítico em desenvolvimento. Vivem conflitos internos. Apresentam emoção à flor da pele.	Mais maduros, concentrados e seguros. Apresentam críticas e opiniões mais elaboradas. Em geral, percebem o trabalho de grupo com responsabilidade

Uma importante diferenciação desses grupos diz respeito ao desenvolvimento emocional de cantores e cantoras e, por conseguinte, ao que podemos esperar desses em termos de atitude, concentração, produção, etc. Assim, como meias e peças de baixo, essa gaveta necessita de um lugar especial em nossa organização, uma vez que nem sempre seja algo facilmente visualizado, mas que tenha papel fundamental nas divisórias de nossas gavetas mais escondidas.

Percebo que o desenvolvimento emocional, por mais que esteja generalizado, divide esses três grupos de forma bastante clara, o que pode ajudar os regentes a extraírem o melhor de cada fase. Compreender as características e diferenças entre essas três modalidades facilitará no

trato diário, definirá a expectativa de realização, produção, desenvolvimento da atividade e influenciará na escolha de repertório.

Enquanto o coro infanto-juvenil traz ainda a marca da inocência e do lúdico entre seus participantes, o coro juvenil reúne indivíduos em busca de pistas que os esclareçam sobre suas personalidades. Não à toa, necessitam do grupo para estabelecer identificações e expressar angústias, questionamentos, emoções. Já os cantores e cantoras do coro jovem, de modo geral, ultrapassaram essa primeira fase de auto-conhecimento e, portanto, me sinto à vontade para marcar um *chopp* com eles.

A inadequação ainda é, para mim, a maior adversidade de quem trabalha com essa faixa etária, quer seja através do *idioma* utilizado na comunicação com os cantores, quer seja na forma de lidar com as intempéries hormonais, ou ainda na pertinência das músicas escolhidas para formar o repertório. E é exatamente por isto que vejo a necessidade de analisar mais minuciosamente os coros em questão.

Após o desenvolvimento emocional, observei a forma como os grupos se comportam e quais diferenças estão associadas a eles. Elaborei, então, uma síntese dos aspectos sociais.

**Tabela 6: Principais aspectos sociais**

Denominação coral	Coro infanto-juvenil	Coro juvenil	Coro jovem
<b>Características</b>			
<b>Nível de escolaridade</b>	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
<b>Faixa etária</b>	de 10 a 14 anos	de 14 a 18 anos	de 18 a 22 anos
<b>Características vocais</b>	Vozes iguais	<b>SCBr</b>	<b>SCTB</b>
<b>Características corporais</b>	Início do desenvolvimento dos caracteres sexuais	Franco desenvolvimento dos caracteres sexuais	Caracteres sexuais definidos

<p><b>Principais aspectos do desenvolvimento emocional</b></p>	<p>Ainda dependentes e inseguros. Tendem à dispersão. Ludicidade, curiosidade e acolhimento. Começam a viver os lutos da adolescência (o corpo, os pais da infância, o papel na sociedade).</p>	<p>Podem apresentar labilidade emocional, oscilando entre atitudes infantis e maduras. Estão mais concentrados. Pensamento crítico em desenvolvimento. Vivem conflitos internos. Apresentam emoção à flor da pele.</p>	<p>Mais maduros, concentrados e seguros. Apresentam críticas e opiniões mais elaboradas. Em geral, percebem o trabalho de grupo com responsabilidade</p>
<p><b>Principais aspectos sociais</b></p>	<p>Podem colaborar em grupos mistos com muito coleguismo. Porém, separar os corais (feminino e masculino) facilita, dentre outras coisas, a elaboração do processo da muda vocal.</p>	<p>Necessitam do grupo para traduzir e expressar sentimentos e pensamentos. Andam em bando. Desenvolvem a responsabilidade e a capacidade de trabalhar em grupos de interesse.</p>	<p>Começam a ensaiar a vida adulta e passam a se perceber, distintos do grupo social ao qual se inserem.</p>

Vou começar descrevendo a situação que vivi com um de meus coros infanto-juvenis, para ilustrar a peculiaridade do fator social nesta fase do trabalho.

Há alguns anos, por conta de decisões administrativas, separei meninos e meninas (entre 6º e 8º anos) em dois grupos diferentes, as Meninas Cantoras e o grupo Preparatório Masculino. Isso se deveu ao fato de raramente termos meninos nessa faixa etária, ao passo que a adesão das meninas crescia a olhos vistos. Rapidamente, eu tinha um coro feminino de vozes iguais com aproximadamente 40 integrantes e um grupo de 10 meninos se preparando para começarem o processo de muda vocal. Funcionamos assim durante anos.

O grupo masculino jamais se tornou um coro, até porque as gritantes diferenças de tamanho, altura, estágio de voz e concentração entre um menino de 11 e outro de 13 dificultavam a adesão e/ou a permanência dos mais velhos. Admito que, algumas vezes, observando o comportamento compenetrado de um garoto de 11 em contraponto à agitação e às piadas sem graça de outro de 13, me perguntei se eu tinha anotado as idades deles corretamente. Noutra ocasião, ao ver três coralistas extrapolarem nas brincadeiras e acabarem derrubando-se um ao outro no chão, perguntei: “Mas o que é isso?”, ao que o mais espreitado respondeu: “Testosterona, professora!”.

Mas, o que interessa é que foi um grupo pequeno e coeso, na sua intenção de treinar para quando a muda vocal eventualmente se pronunciasse. Eram os meus “franguinhos”, com uma crista ou outra começando a despontar. Certamente, não tinham constrangimentos com as quebras da muda — tratadas com naturalidade — e desenvolveram comigo uma relação de extrema confiança. O interessante é que quase todo mês queriam ter seus limites verificados, para saber o quanto a voz já teria mudado, o que me deu condições de estudar (junto com eles) os diferentes processos de muda vocal masculina. Sou muito grata àquele meu singelo poleiro.

As meninas, sem precisarem lidar com as discrepâncias ocorridas na muda vocal dos meninos, tinham como principal tarefa cantar afinadamente. Muitas apresentavam considerável sopro, o que dificultava o timbre do conjunto. Mas, apesar do som sensivelmente mais chiado, pudemos desenvolver bastante aquele grupo; cantar a duas e três vozes era natural para elas, o que instigava a adoção de conteúdo vocal/musical mais elaborado. Com elas também desenvolvi uma relação de muita confiança e o curioso é que, enquanto os assuntos ligados a flertes, primeiro beijo, etc. eram corriqueiros entre as meninas e eu, jamais esses tópicos foram compartilhados comigo no grupo dos meninos.

Também por motivos administrativos, precisei juntar estes dois grupos temporariamente, enquanto me ausentei do país por um ano. Lá for a, observei excelentes pesquisas e também projetos corais em escolas de Ensino Fundamental e Médio, utilizando aquela mesma divisão de coros femininos e masculinos nesta faixa etária, o que me fez deduzir que deveria tornar a dividi-los. Porém, no retorno às atividades, encontrei um coro misto (de vozes iguais) bastante desenvolvido, mesmo juntando meninos e meninas com suas diferentes fases de mudança de voz. De fato, apenas dois desses meninos se encontram atualmente na muda vocal (e, mesmo assim, cantam na voz de cabeça com esse coro), enquanto todos os demais cantam na voz da infância sem nem cogitarem buscar outra tessitura. Até aqui tem funcionado mantê-los reunidos, mas o que posso dizer de modo geral, sobre as peculiaridades sociais dos meus grupos dessa fase, é que:

Meninas falam muito;

Meninos agitam muito;

Juntos, falam e agitam muito. São animados!

Nos coros de Ensino Médio, parece haver algum equilíbrio, tanto nas aparências físicas quanto nas atitudes. São coralistas que, normalmente, se ajudam e se desenvolvem muito bem em

grupo. Buscam identificações, amizades, admirações e... romances. Estão em franca ebulição sexual e boa parte do ensaio é dividida com os aspectos sociais e amorosos. É comum, anos depois, alguns confessarem que só entraram para o coral porque estavam interessados em alguém que fazia parte do grupo. Não importa. O fato é que muitos descobrem o prazer de cantar num coral por conta dessa fase de tanta demanda social.

Lembro de quando entrei no meu primeiro coral, aos 19 anos, na Pro Arte (escola de música do Rio de Janeiro). O interesse pelos vocais do *rock* progressivo dos anos 70 e de um recém-formado grupo vocal “Boca Livre” me levou ao ensaio do coro dirigido por Jaques Morelenbaum, naquela ladeira de Laranjeiras. Éramos todos da mesma faixa etária que eu e com os mesmos interesses musicais. Ali estavam reunidas muitas pessoas que mais tarde seguiram na carreira vocal/musical; por exemplo, liderados pelo Paulo Pauleira, uma parte formou o grupo vocal “Céu da Boca”, que ficou conhecido algum tempo depois. Eu era feliz e sabia. Lembro que, após o primeiro ensaio, desci a ladeira da Rua Alice planando, tamanho arrebatamento e impacto dos contrapontos e dissonâncias ouvidos por mim pela primeira vez.

Ali, me deparei com um bônus: além do grande prazer de misturar a voz com outras da minha idade, duas vezes por semana eu ficava misturada a, aproximadamente, 40 possibilidades de amizade, sem precisar nem passar batom! De fato, fiz grandes amizades nos corais da Pro Arte, assim como hoje vejo meus cantores se reunirem, se agruparem, namorarem e exercitarem a vida social a partir da convivência dos ensaios, alguns demonstrando amizades sólidas e duradouras.

Outra experiência interessante que vivi na Pro Arte foi o renascimento de um coral. Por conta de uma mudança de regentes, ocorreu aquilo que sempre ocorre: o coro foi sacudido. Saíram muitas pessoas e outras entraram. De uma hora para outra o grupo, outrora coeso, estava recomeçando e algumas pessoas mal se conheciam. Foi quando o maestro substituto, John Neschling, propôs o que foi minha primeira experiência de viajar para uma concentração coral. Passamos um fim de semana reunidos em Teresópolis apenas para ensaiar e nos conhecermos melhor. Voltamos totalmente modificados! Isto ficou impregnado em mim de tal forma que, anos depois, ao me tornar regente, adotei a prática de fazer constantes concentrações de integração dos grupos.

Parto do princípio que, quanto mais o grupo se conhece, melhor canta. O adolescente já traz em si muitas inseguranças; imagine num grupo de desconhecidos. Cantar requer auto-confiança, artigo raro na adolescência. Por se sentir constantemente observado, o cantor/cantora precisará se sentir à vontade para ousar experimentar timbres e extensões até então desconhecidos. É preciso

estar confortável até mesmo para errar. Se, ao nosso redor, está um grupo amigável, um erro será encarado como ocorrência natural do percurso. Mas, se ainda não estamos entrosados, temeremos errar. Afinal, “o que vão pensar de mim?”. Por conseguinte, mesmo aquele cantor ou cantora que recebeu uma excelente avaliação para ingressar no coro de maior grau de dificuldade, demorará alguns meses para realmente mostrar a que veio. Utilizo dinâmicas de integração de grupo para acelerar o entrosamento e obter bons resultados, logo no início do semestre.

O regente de coro juvenil tem um excelente momento para orientar os cantores nas tarefas de grupo e para designar responsabilidades (que podem ir, por exemplo, da arrumação e controle de partituras e pastas, à confecção de cartazes e programas para as apresentações). Com senso de responsabilidade mais desenvolvido do que na eclosão da adolescência, são capazes de organizar e realizar ensaios de naipes e atividades em prol do coral. Aliás, é um grupo que tem como característica o comprometimento e a paixão.

Embora o senso comum veja o adolescente como “aéreo” e auto-centrado, sempre obtive grande colaboração dos grupos juvenis. Percebo a extrema dedicação de muitos dos meus cantores e cantoras, sobretudo em empreitadas como montagem de shows, apresentações e viagens. Já os corais adultos tendem a ser menos participativos nas questões extra-musicais, provavelmente porque têm mais contas a pagar. Isto me leva a observar a terceira fatia da nossa subdivisão.

O coro jovem aqui descrito engloba universitários. Embora em faixas etárias tão próximas, observo uma mudança na participação desses em relação ao cantor de Ensino Médio, sobretudo se sua graduação não é em Música. Primeiramente, no sistema de créditos, o horário das disciplinas varia ao longo do curso universitário, não garantindo a disponibilidade para a atividade coral. As tarefas e os conteúdos vão ficando mais sofisticados (vejo o desespero do pessoal das Exatas, no primeiro contato com Cálculo 1). Além disso, os estágios e as disciplinas obrigatórias podem se tornar um real impedimento para a permanência do cantor no grupo. Para completar, alguns começam a trabalhar (ainda que meio expediente) nessa fase da graduação. Ou seja, a vida chama!

Talvez o leitor já esteja entendendo porque considero o coro de Ensino Médio o mais fácil de trabalhar... Mas vamos ao último compartimento de nosso armário coral (ou já seria um *closet*?).

Tabela 7: Temática de repertório compatível

Denominação coral	Coro infanto-juvenil	Coro juvenil	Coro jovem
<b>Características</b>			
<b>Nível de escolaridade</b>	Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos	Ensino Médio 1º, 2º e 3º anos	Ensino Universitário <b>Do 1º ao 8º período</b>
<b>Faixa etária</b>	de 10 a 14 anos	de 14 a 18 anos	de 18 a 22 anos
<b>Características vocais</b>	Vozes iguais	Soprano; contralto; baritone	Soprano; contralto; tenor; baixo
<b>Características corporais</b>	Início do desenvolvimento dos caracteres sexuais	Franco desenvolvimento dos caracteres sexuais	Caracteres sexuais definidos
<b>Principais aspectos do desenvolvimento emocional</b>	Ainda dependentes e inseguros. Tendem à dispersão. Ludicidade, curiosidade e acolhimento. Começam a viver os lutos da adolescência (o corpo, os pais da infância, o papel na sociedade).	Podem apresentar labilidade emocional, oscilando entre atitudes infantis e maduras. Estão mais concentrados. Pensamento crítico em desenvolvimento. Vivem conflitos internos. Apresentam emoção à flor da pele.	Mais maduros, concentrados e seguros. Apresentam críticas e opiniões mais elaboradas. Em geral, percebem o trabalho de grupo com responsabilidade
<b>Principais aspectos sociais</b>	Podem colaborar em grupos mistos com muito coleguismo. Porém, separar os corais (feminino e masculino) facilita, dentre outras coisas, a elaboração do processo da muda vocal.	Necessitam do grupo para traduzir e expressar sentimentos e pensamentos. Andam em bando. Desenvolvem a responsabilidade e a capacidade de trabalhar em grupos de interesse.	Começam a ensaiar a vida adulta e passam a se perceber, distintos do grupo social ao qual se inserem.
<b>Temática de repertório compatível</b>	Embora os mais novos ainda aceitem temas infantis, em geral este grupo prefere canções e temas que lidem com sua fase atual. Têm medo de serem confundidos com crianças.	A descoberta do amor, a sexualidade e seu papel no mundo são assuntos que os atraem. Rejeitam temas infantis, ou os aceitam com saudades. Alguns se sentem ameaçados por serem considerados imaturos ou infantis.	Consciência crítica desenvolvida. Podem extrair mensagens subliminares do texto com alguma facilidade. Aceitam temas infantis como forma de revisitar a infância, mas não se sentem ameaçados por esses.

São tantos os pontos de vista inerentes ao repertório do coro juvenil que escolhi este assunto para minha tese de doutorado. Neste texto, no entanto, focalizarei apenas o conteúdo temático das músicas, por considerar esse um dos pontos principais na distinção de cada um dos três grupos. Analisando as diferenças entre estas configurações, fica mais fácil entender a necessidade de meditarmos a respeito de repertório, sob a pena de perdermos a preciosa oportunidade de contar com o entusiasmo e interesse dos adolescentes.

Observando corais juvenis anos a fio, no Brasil e no exterior, encontro duas características predominantes em suas *performances*, que penso estarem totalmente ligadas à proposta de repertório. A primeira é a postura formal, como se os participantes tivessem que atuar como adultos para serem levados a sério. Tal estética abrange, inclusive, a preparação vocal, fazendo com que o coro soe forçadamente como coro adulto, desperdiçando o frescor natural das vozes juvenis. Muitas vezes, o uniforme ou o figurino escolhidos também pouco combinam com o jeito de se vestir do adolescente, acabando por engessar sua postura no palco. Mas e aquele brilho no olho tão espontâneo, típico do adolescente? Por que cargas d'água deveríamos forçá-los a se comportarem de uma forma diferente da sua maneira natural? Seria isso uma inspiração do repertório coral tradicional? Eu não acredito que a música coral pré-assuma, compulsoriamente, uma postura formal para todos os estilos musicais.

Por outro lado, não é incomum encontrar coros juvenis cujo repertório sugira temas infantis. Parece que, no intuito de evitar “problemas” lidando com assuntos controversos, alguns regentes procuram escapar de assuntos que estão completamente relacionados ao crescimento emocional do adolescente; ou seja, sexo, drogas e *rock'n'roll*. E daí encontramos aqueles coros juvenis que cantam com expressão de tédio e distanciamento, como se estivessem tentando passar a mensagem de que não mais pertencem àquele mundo infantil. É tão difícil equilibrar... a exceção fica para o adolescente que tem prazer em cantar em coro, independente do repertório propor uma atitude mais formal ou mesmo uma temática que não condiz com sua fase da vida. Mas, como disse, é exceção.

Vamos analisar a temática para cada fase. O coro infanto-juvenil costuma acolher com alegria qualquer música “de adolescente”. O interessante é que ele reagirá ao menor indício de estar cantando música infantil, mas será capaz de se divertir mesmo assim, se esta for apresentada a ele de forma atraente (uma movimentação cênica, um adereço inusitado, uma história precedendo a

distribuição da partitura). Isto me lembra o relato de uma mãe, me contando que a filha de 13 anos se rebelou veementemente ao ser obrigada a ir à festa de aniversário do primo de 10, agindo com muita irritação e indignação. Passou os primeiros 15 minutos emburrada num canto do salão de festas (adolescente); mas foi desfazendo a carranca aos poucos e, ao sair da festa, descabelada e suada, parece ter sido quem mais se divertiu (criança)!

Ou seja, esta é uma fase em que o repertório requer extremo cuidado para não afastar o cantor do coral, pois é grande a probabilidade de se ultrapassar esse limite entre a criança e o adolescente num momento inadequado. No entanto, posso afirmar que, uma vez tendo conquistado o cantor, ele comerá na minha mão. É nessa hora que aproveito para apresentá-lo àquilo que considero adequado ao patamar de seu desenvolvimento musical, deixando seu gosto pessoal em segundo plano.

Na zona sul do Rio de Janeiro, os alunos e alunas de classe média dessa faixa etária tendem a gostar da música importada, sobretudo o *rock* nacional/internacional e o *pop* norte-americano. Mas, felizmente, essa evidente influência da grande mídia diminui quando há investimento na educação musical na escola ou quando a família tem o costume de se envolver com a diversidade musical, de alguma forma.

Porque estão completamente ligados aos grupos sociais aos quais pertencem, nem sabemos explicar como algumas músicas caem no gosto daquele grupo e outras sofrem grande rejeição. No entanto, penso ser minha função expandir a apreciação musical de meus cantores e, por isso, busco equilibrar o repertório entre aquilo que eles querem cantar e aquilo que eu quero que eles cantem. É meu dever apresentá-lo ao que não conhecem, assim como sou muito grata a todo repertório que aprendi e aprendo com eles.

Eis que chegamos no coral do Ensino Médio. Alguns regentes, talvez por desconhecimento, vão buscar nas peças para coro adulto o repertório para coro juvenil iniciante, visando aproveitar as vozes pós muda vocal. É bom lembrar que o repertório coral até o período moderno não trazia obras dedicadas ao coro juvenil (levou-se muito tempo para entender a adolescência como um período distinto da infância), muito embora a música da Renascença, por exemplo, conduza a uma leveza que muito combina com as vozes juvenis. Além de possíveis impedimentos técnicos (divisão dos naipes, número de cantores por naipe, extensão vocal exigida, nível de musicalização dos participantes), o teor da maioria das obras tradicionais pode não ser muito

atraente para o adolescente, por ter sido feito para adulto cantar ou em uma época em que o adolescente ainda não tenha condições de contextualizar para achar a devida graça.

Percebo, no entanto, que os corais juvenis mais desenvolvidos parecem se entusiasmar com os desafios musicais das obras ou com a capacidade de cantar um repertório mais puxado e acabam por questionar menos a temática desse. O nível de musicalidade do coro parece também influenciar a aceitação da seleção musical. Ou seja, para o coro iniciante, a temática do repertório tem a função de atrair cantores, enquanto que, para um coro avançado, o repertório trabalha a serviço do desenvolvimento musical propriamente dito. Isto se acentua no coro universitário, ou coro jovem. Um pouco mais maduros, são capazes de lidar com textos mais densos e sofisticados, podendo se aproximar do repertório para coro adulto sem maiores preocupações de ajuste.

Não poderia me dedicar a escrever sobre repertório sem sinalizar o enorme manancial que nossa música popular oferece aos corais de adolescentes. Temos uma MPB riquíssima, além de uma diversidade enorme de ritmos brasileiros, que atraem nossos cantores mais jovens. E atraem também um grande número de criativos arranjadores contemporâneos que vêm renovando nosso repertório com arranjos vocais inspirados e bastante adequados para os corais aqui citados. Portanto, ainda que a fonte da música coral tradicional não privilegie o coro de adolescentes e que os compositores contemporâneos brasileiros não tenham o hábito de escrever peças corais para adolescentes, a música popular oferece um caminho muito interessante para, além de uma identidade genuinamente brasileira, construirmos um repertório vocal com o qual o adolescente se identifique, aproximando-o da atividade coral.

Atualmente lido exatamente com três corais, cada um em uma das fases que busquei definir aqui (Freud explica!). Para cada coro, me apresento como uma Patricia diferente. Mudo o vocabulário, o ritmo de conteúdo abordado, a cobrança de resultado, o planejamento de ensaio, o rigor nas presenças e mesmo a concentração e o foco nos ensaios. Considero que tenho sido bem sucedida porque os vejo felizes e entusiasmados em seus respectivos corais. A adesão anual confirma, quantitativamente, que tenho tomado as decisões corretas.

Acredito que a adequação é peça fundamental para abriremos o campo de abrangência da atividade coral para adolescentes e tentarmos, paulatinamente, diminuir essa enorme lacuna que existe entre o coro infantil e o coro adulto. Preencher esse espaço é proporcionar, a uma grande fatia de nossa população, a oportunidade de serem felizes semanalmente. É ter a esperança de bons cantores adultos num futuro próximo. É aproveitarmos esse excelente instrumento de Educação, que

é a atividade coral, para que nossos adolescentes se desenvolvam com saúde e prazer, dentro de um processo coletivo que privilegia a generosidade da escuta ao outro e a união em prol de um resultado.

Penso que o armário, por ora, está arrumado. Espero ter ajudado a ordenar e diferenciar os coros infanto-juvenil, juvenil e jovem. Mas, naturalmente, vou gostar de conhecer outras maneiras de estudar essa clientela tão especial. Deixo, portanto, o exercício deste texto como uma base para outros raciocínios, outras configurações, outras organizações.

Fiquem à vontade para colaborar com este pontapé inicial.

Que este Observatório Coral Carioca seja nosso ponto de encontro!

## Patricia Costa

**Patricia Costa** se dedica ao canto coral desde 1978, como cantora e desde 1993 como regente. Trabalha com movimentação cênica de corais desde 1990. Licenciou-se em Música pela UNIRIO em 1996. Mestre pela mesma instituição, pesquisou o tema “Coro juvenil: por uma abordagem diferenciada” publicando, posteriormente, artigos sobre coro juvenil em sites e revistas científicas. Doutoranda em Práticas Interpretativas pela UNIRIO, obteve bolsa-sanduíche da parceria CAPES-Fulbright, cumprindo estágio como pesquisadora-visitante na *Butler University* (Indianápolis, EUA) entre 2015 e 2016. Respondeu pela prática coral dos projetos Villa-Lobinhos e Novos Horizontes da Fundação Pró-Saber, compostos de adolescentes carentes de escolas públicas do Rio de Janeiro. Foi integrante do Coro de Câmara Pro Arte, dirigido por Carlos Alberto Figueiredo, com quem se aprimorou em Regência Coral. Como professora universitária ministrou as disciplinas Regência Coral, Regência de Coro Infantil e Juvenil e Coro Cênico nas instituições Escola de Música do Paraná, UFRJ e UNIRIO. É professora do curso de Pós-Graduação em Regência Coral do Conservatório Brasileiro de Música (RJ). Dirige os corais juvenis do Colégio São Vicente de Paulo desde 1993, em atividade contínua. Seu coro jovem “São Vicente a Cappella” tornou-se referência em âmbito nacional. Tem sido constantemente convidada como palestrante em diversos eventos corais pelo Brasil, como nos painéis da FUNARTE, os painéis da FECORS, os laboratórios corais de Itajubá e o Festival Internacional de Música de Londrina, sobretudo na área de coro juvenil e direção cênica para corais.

observatório



coral carioca

## Seção Artigos Inéditos

**Coordenação de artigos** | Carlos Alberto Figueiredo

**Coordenação de eventos** | Jonas Hammar

**Coordenação geral** | Sérgio Sansão

**Programação visual** | Contágio Criação

**Ilustrações** | Kiti Soares

Este é um artigo inédito produzido sob encomenda por Observatório Coral Carioca. Sua impressão e reprodução estão autorizadas, desde que se mantenham o layout original e todos os créditos contidos neste arquivo PDF. A reprodução integral do artigo em outras mídias (sites, blogs, periódicos etc.) não está autorizada. A citação de trechos do artigo está sim autorizada, desde que todas as referências relativas à fonte e à autoria deste sejam devidamente creditadas.